

Hobbes e a Modernidade: visões de Leo Strauss e Michael Oakeshott.

Theo Magalhães Villaça

Doutorando em Filosofia na PUC-Rio

<https://lattes.cnpq.br/9806897394708433>

theomvillaca@gmail.com

117

Thomas Hobbes é um dos personagens principais nas obras de Leo Strauss e Michael Oakeshott, dois filósofos políticos do século XX. No entanto, suas interpretações do pensamento hobbesiano não são meras exposições ou análises. Na verdade, revelam suas próprias filosofias políticas, especialmente o papel de Hobbes como um dos fundadores da filosofia política moderna. Embora concordem nesse ponto, Strauss e Oakeshott divergem em suas abordagens.

Strauss critica a modernidade, cujo desenvolvimento culminou no relativismo das ciências humanas e sociais. Esse processo se iniciou com Maquiavel e Hobbes, que romperam com a filosofia política clássica, substituindo a preocupação com o que “deve ser” (*ought*) pelo que “é” (*is*). O realismo inaugurado por esses autores e seu excesso de confiança na razão fez com que, na ausência de soluções, esse tipo de “positivismo” desse lugar ao historicismo. Como a própria Escola Histórica também não conseguiu encontrar normas para reger a sociedade, o historicismo deu lugar ao relativismo, no qual o homem ocidental não sabe mais distinguir o certo do errado e o bem do mal. A construção política de Hobbes, está, para Strauss, na primeira onda da modernidade, origem da crise do ocidente.

Além disso, a obra *Leviatã* marca uma mudança no significado de direito natural, que passa a ser identificado com a “autopreservação”. O direito natural antigo, para Strauss, se opõe ao historicismo que relativiza o que é certo e bom de acordo com a circunstância ou o contexto histórico, e garantiria uma ordem à sociedade.

Por outro lado, Oakeshott procura defender o que interpreta como modernidade e o papel de Hobbes. Sua interpretação do filósofo do século XVII gira ao redor de três eixos que, por sua vez, desempenham papel fundamental no próprio pensamento de Oakeshott: um ceticismo em relação aos usos da razão na política; adesão à moralidade da individualidade; a ideia de associação civil. O ceticismo se revela na incapacidade da

razão de definir qual é a verdadeira crença religiosa, resolvida por Hobbes com o poder da autoridade; a moralidade da individualidade se opõe a visões da vida moral em torno de um “bem comum” ou “laços comunais”; e a ideia de associação civil diz respeito a uma relação entre humanos desprovida de teleologia, isto é, de um propósito ou empreendimento comum.

As interpretações tanto de Strauss como de Oakeshott sobre Hobbes não são comuns e revelam novas profundidades e possibilidades da filosofia política do autor de *Leviatã*. Ademais, o papel dado a Hobbes nas obras de ambos os autores ilustra o pensamento original de suas próprias filosofias e os pontos no quais eles divergem.

Palavras-chave: Modernidade. Thomas Hobbes. Leo Strauss. Michael Oakeshott.

Bibliografia

HOBBS, Thomas. *Leviathan*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MCILWAIN, David. *Michael Oakeshott and Leo Strauss: The Politics of Renaissance and Enlightenment*. London: Palgrave MacMillan, 2019.

OAKESHOTT, Michael. *Hobbes on Civil Association*. Indianapolis: Liberty Fund, 1975.

OAKESHOTT, Michael. *Rationalism in Politics and other essays*. Indiana: Liberty Fund, 1991.

STRAUSS, Leo. *Natural Right and History*. Chicago: University of Chicago Press, 1965.

STRAUSS, Leo. *The Political Philosophy of Hobbes*. Chicago: University of Chicago Press, 1952.